

## A CARTA DO DESCOBRIMENTO: DESCORTINANDO A ARTE E A CULTURA BRASILEIRAS A PARTIR DA CARTA DE CAMINHA

Lybia Oliveira (PIC/FIC)<sup>1</sup>

Prof. Orientador: Me. Erivelto da Silva Reis (PIBID/FIC/PAA – NEL – UFRJ – SEEDUC-RJ)<sup>2</sup>

**RESUMO:** Desde a Carta do Descobrimento escrita por Pero Vaz de Caminha ao Rei de Portugal, quando do descobrimento do Brasil, os temas e os problemas da Cultura e da Literatura Brasileira têm sido vistos, revisitados, debatidos e revistos por inúmeros teóricos. De Cândido a Bosi, de Coutinho a Moisés. Passando por obras como *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda à *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freire, é possível considerar-se que poderia ter sido sempre uma de nossas questões fundamentais, enquanto sociedade em desenvolvimento e transformação constantes entendermo-nos como Nação, reconhecermos nossos processos de formação e discutirmos como chegamos ao ponto em que estamos e o que configura nossa Literatura como uma das melhores do mundo; bem como o que tem levado nossas manifestações culturais e artísticas a serem consideradas como relevantes na História da arte ocidental. Assim, nos parece fundamental uma análise atenta e recontextualizada da Carta de Caminha e a reconfiguração de suas proposições como pertencentes à nossa matriz cultural e literária. O presente trabalho é o ponto de partida do projeto “Temas e Problemas da Cultura Literária Brasileira”, orientado pelo Professor Mestre Erivelto da Silva Reis, apresentado e desenvolvido pelo Projeto de Iniciação Científica (PIC/FIC), em consonância com as recomendações do Núcleo Docente Estruturante do Curso de Letras (NDE), através do trabalho desenvolvido pelo Núcleo de Estudos da Linguagem Poeta Primitivo Paes (NEL-PPP), e da Coordenadoria de Extensão, Pós-Graduação e Pesquisa (CEPOPE) das Faculdades Integradas Campo-grandenses.

**PALAVRAS-CHAVE:** Carta do Descobrimento, Cultura, Literatura Brasileira.

Para estudar a literatura brasileira é fundamental partir da primeira literatura no Brasil. Através de uma pesquisa minuciosa, é possível reconhecer características da nossa literatura nas experiências, observações, visões e mitos impressos na “Carta de Achamento” de Pero Vaz de Caminha. A partir de registros como o de Caminha, percebemos a origem e o desenrolar da nossa arte e cultura. Ao descortiná-las, compreendemos como a literatura brasileira transformou-se em uma das melhores do mundo.

Os instrumentos utilizados na *Carta* servem de base para estudos da nossa raiz cultural (CASTRO, 2003, p.9). A riqueza dos detalhes inseridos nos textos de viagem foram a base de diversos estudos e a única forma de, posteriormente, como nação consolidada, buscarmos sedentamente nossa identidade. E assim, produzirmos nossa literatura, de fato, brasileira.

---

<sup>1</sup> Lybia Oliveira é graduanda de Letras e participa como bolsista do projeto de Iniciação Científica nas FIC. E-mail :lybiaoliveira@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Professor Erivelto Reis é professor de literatura das FIC e orientado de Iniciação Científica. E-mail:eriveltoreis@yahoo.com.br

A Carta de Caminha significa, para nós, muito mais que um documento histórico, e por isso é chamada de Certidão de nascimento do Brasil. Através de uma leitura crítica refletimos sobre o “olhar do outro” para com a “terra de cá”, filtramos, contextualizamos, inferimos, analisamos sob uma ótica realista, cientes de que é um texto narrado por um europeu cujos costumes e culturas eram totalmente diferentes dos habitantes da terra nova e, que por se tratar de uma narrativa, ele descreve o que quer e conduz da forma que acha melhor. Cabe, a nós, ler nas entrelinhas. Não, somente, ler o que foi dito, mas o não dito.

A princípio, o escrivão da esquadra de Cabral deseja relatar os fatos de forma imparcial e verídica e a sua intenção não era “aformosear nem afear”. A Carta começa com formalidade, na estrutura do gênero epistolar e sua missão era relatar ao rei D. Manuel detalhes sobre o achamento, porém “depois dos primeiros parágrafos, tal convenção se transforma num diário atípico” (CASTRO, 2003, p.11).

Nos primeiros parágrafos, Caminha manteve-se frio e impessoal, sem atribuir juízo de valor, ao descrevê-los: “Pardos, nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas. Traziam arcos nas mãos, e suas setas.” No entanto, nesse momento, ele ainda não havia tido contato direto e seu relato refere-se a testemunhos de outros, nesse caso, Nicolau Coelho, que foi designado pelo Capitão Cabral para reconhecer o local. A postura do escrivão ante às experiências vividas e ao cenário observado, toma outro rumo no decorrer da Carta. Quando ele passa a descrever, acerca daquilo que viu e lhe pareceu, seu texto borbulha opiniões, admiração e notas pessoais. Quando, por exemplo, ele descreve os indígenas como “pardos, um tanto avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos”; e, quando ele demonstra curiosidade e uma certa preocupação com o bem estar dos índios, ao observar um osso encaixado em seus lábios e diz “de sorte que não os magoa, nem lhes põe estorvo no falar, nem no comer e beber.”.

Caminha também tira suas próprias conclusões, ao observar os sinais que os índios faziam na tentativa de se comunicarem, supondo que na terra havia ouro e prata. Ao usar as expressões: “como se quisesse dizer-nos”, “isto não queríamos nós entender” e “tomávamos nós assim por assim o desejarmos”, o escrivão deixa claro que suas interpretações eram produtos de suas próprias perspectivas sobre a terra e seus habitantes. Portanto, a falta de comunicação ocasionada pela diferença da Língua permitiu que o europeu visse e interpretasse da forma como bem desejava. Com base nas interpretações de Caminha, nos destaques e algumas palavras-chave, contidas na carta, podemos perceber aquilo que ele havia fantasiado seus mitos e crenças, estabelecidos pela tradição, meio e tempo.

Antes de destacarmos os mitos e as crenças presentes no texto de Pero Vaz de Caminha, precisamos compreender que durante a idade média, o povo europeu vivia sob as circunstâncias de insegurança, luta pelo poder, escassez, religião promovida através da pedagogia do medo: a busca da salvação e o temor pelo inferno, etc. Portanto, o povo buscava alívio através do imaginário, pelas utopias. Hilário Franco Júnior, explica com clareza:

Aquilo que o homem perdeu na História, narrado pelo mito, ele busca através da ideologia e recupera no além-História da utopia [...] Contudo, historicamente, é comum uma utopia ser manejada ideologicamente, e uma ideologia ser idealizada, utopizada. E dessa forma elas se reaproximam. Mas o ponto de contato por excelência é o mito, presente em ambas: de certa forma o sucesso social de uma ideologia e de uma utopia está ligado à quantidade e enraizamento do material mítico nelas contido (FRANCO JR., 1992, p. 13)

O homem medieval sonhava em poder desfrutar daquilo que havia no Jardim do Éden, que Adão e Eva perderam quando foram expulsos. “Utopia é a negação de um presente medíocre e sufocante, é espaço futuro e sem limites, sustentada pelo desejo, é sonho apaziguador de regresso à perfeição das origens é o reencontro do homem consigo mesmo.” (FRANCO JR., 1992, p. 7).

Para Silvio Castro, os testemunhos sobre o Brasil, sobretudo, a forma que Caminha relata suas experiências, o estilo dessa narrativa, o fascínio pela terra e seus habitantes, fizeram com que aquelas crenças e conceitos de perpetuassem e se transformassem em nossa mitologia cultural.

Mitos como o “mundo novo”, “paraíso terrestre recuperado”, o “bom selvagem” etc.; até aquele ufanismo sentimental que se encontra em tantas manifestações brasileiras – muitas vezes com perigosas derivações nacionalistas –, partem deste específico curso expressivo, do qual a Carta de Caminha é a primeira e preciosa peça. (CASTRO, 2003, p.10).

Pero Vaz de Caminha fica deslumbrado com os indígenas e eles passam a ocupar uma posição de destaque na sua narrativa. A visão edênica fica clara em diversos trechos: “[...] porque os seus corpos são tão limpos e tão gordos e tão formosos que não pode ser mais!”; “Assim, Senhor, a inocência desta gente é tal que a de Adão não seria maior”; ou ainda “andavam todos tão dispostos, tão bem feitos e galantes com suas tinturas, que pareciam bem”. Caminha se encanta com a beleza natural, a inocência, a alegria, saúde e a limpeza dos indígenas.

Essas descrições foram guiadas por suas experiências, crenças e mitos da época e suas interpretações se impregnaram em nossa literatura nacional e será, mais tarde, parte da teoria do “bom selvagem” presente no romantismo.

Para Carlos Nejar, o escrivão da frota de Cabral desejava resgatar-se por meio da palavra. Pois, “ao lermos a Carta, sentimos a mitificação do Brasil no tempo, como se no ato de criar labareda, fosse clareada a grandeza da terra dentro de si e também a grandeza da terra para todos.” (NEJAR, 2011, p. 41). Caminha criou e reproduziu sua visão através das palavras.

A visão de paraíso consiste na ideia de abundância, terra fértil, ausência de trabalho, saúde, beleza e inocência. Nos relatos de Caminha, percebe-se claramente esta inclinação mitológica.

Partindo do pressuposto que Adão e Eva, ao serem expulsos do paraíso, passariam a trabalhar e somente pelo suor dos seus rostos é que sobreviveriam, na visão de paraíso o homem não precisaria trabalhar, pois a terra se encarregaria de sustentá-lo sem maiores esforços. A Carta de Caminha nos revela essa visão edênica, quando diz: “E não comem senão deste inhame, de que aqui há muito, e dessas sementes e frutos que a terra e as árvores de si deitam. E com isto andam tais e tão rijos e tão nédios que o não somos nós tanto, com quanto trigo e legumes comemos.”.

Quanto à abundância, Caminha diz: “Águas são muitas; infinitas. Em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo; por causa das águas que tem!”; “Andamos por aí vendo o ribeiro, o qual é de muita água e muito boa. Ao longo dele há muitas palmeiras, não muito altas; e muito bons palmitos. Colhemos e comemos muitos deles”; “entre esse arvoredado que é tanto e tamanho e tão basto e de tanta qualidade de folhagem que não se pode calcular.”.

A perfeita harmonia entre aqueles habitantes à natureza, seus aspectos físicos e seus comportamentos são registrados por Caminha com tamanha admiração e simpatia que pressupõe a visão de Paraíso, e pretende valorizar, a grande descoberta para seu destinatário, D. Manuel, e demais leitores europeus curiosos quanto às aventuras marítimas.

“Não dura muito, porém, o mergulho no Paraíso. Perdidamente contaminado pela civilização, o olhar de Caminha volta a estabelecer a fronteira entre ‘nós’ e os ‘outros’”. (RIBEIRO, 2003. p. 17). Mesmo com seu olhar admirado, ao abordar o choque entre as culturas e a conduta dos portugueses para com os indígenas, deixa-nos explícito o desejo de dominação arraigada pela tradição epopeia. Os portugueses representavam os heróis e os índios, os bárbaros carentes de domínio e educação que só eles poderiam fornecer.

A diferença entre as culturas e a falta de comunicação entre eles devido à Língua deram motivos para que os portugueses lhe atribuíssem a definição de bárbaros e fica claro o olhar de “civilizador” que eles possuíam para com os indígenas. Em um momento Caminha diz que “não houve mais fala ou entendimento com eles, por a barbaria deles ser tamanha que se não entendia nem ouvia ninguém.” Aqui, podemos inferir que as formas de comunicação dos índios eram vistas como fora dos padrões “civilizados” europeus e, portanto, sua selvageria ou alvoroço ao tentar uma comunicação não permitiam entendimento de nenhuma das partes.

Quando, na Carta, relata-se uma tentativa de diálogo entre o Capitão e um velho índio, o narrador revela uma atitude esnobe, típico de elite dominante. Houve muito humor e gozação da parte dos portugueses para com a atitude do índio, dito no trecho: “Estivemos rindo um pouco e dizendo chalaças sobre isso”. O capitão queria saber sobre ouro, visto que o índio não lhe deu a informação que favorecesse a exploração da terra, não quis continuar a tentativa de diálogo.

Em diversos momentos fica claro o desejo de domínio, mesmo que mascarado por um comportamento apaziguador, destacados nos trechos “E que portanto não cuidávamos de aqui por força tomar ninguém, nem de fazer escândalo; mas sim, para os de todo amansar [...]”; “E estavam já mais mansos e seguros entre nós do que nós estávamos entre eles.”; “[...] como se fossem mais amigos nossos do que nós seus”.

Caminha mostra-se irônico no trecho que diz: “Com aquela encarna quase que nos queriam dar a mão. Davam-nos daqueles arcos e setas em troca de sombreiros e carapuças de linho, e de qualquer coisa que a gente lhes queria dar.”. A palavra “encarna”, em outras traduções da Carta, aparece como “engodo”. Ao usar este termo, Caminha sugere que eles usavam iscas para atraí-los e enganá-los.

O incessante relato a respeito dos órgãos sexuais dos indígenas em sua Carta mostra um pouco da personalidade de Caminha. Este, faz uso de ironia, demonstra humor e certa intimidade com D. Manuel ao escrever, por exemplo, que “era tão bem feita e tão redonda, e sua vergonha tão graciosa que a muitas mulheres de nossa terra, vendo-lhe tais feições envergonhara, por não terem as suas como ela.”.

O professor Nelson Mello e Souza, cientista social e filósofo, em um ciclo sobre a Carta de Pero Vaz de Caminha, realizado na Academia Brasileira de Letras, sob o tema “Aspectos sociais da Carta de Pero Vaz de Caminha - Sociologia do real e os conteúdos do imaginário”, diz sobre este trecho:

Constitui um embrião de crítica social aos costumes de sua sociedade, jogando com as palavras, notou que "a índia nua, ao exibir tão graciosa, limpa e ingênua sua vergonha, que ela não tinha", iria fazer corar as mulheres portuguesas "por não terem a sua como ela". A comparação, notem, envolve jogo de palavras entre vergonha, como sexo, e vergonha como atitude moral. É vantajosa para a índia e implica uma à crítica moral portuguesa e ao elogio da inocência. (SOUZA, 2000, Disponível em<<http://www.academia.org.br/antigo/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=4292&sid=531>>).

E é essa maneira de escrever, nem sempre clara e objetiva, emitindo juízo de valor e fazendo uso de jogo com as palavras, entendemos que a Carta de Pero Vaz de Caminha não é um documento puramente factual e impessoal, conforme ele havia proposto no início.

O narrador descreve o comportamento arisco dos indígenas nos trechos: “tomavam logo uma esquiviza como de animais monteses”; “abraçavam-nos e folgavam; mas alguns deles se esquivavam logo.”; “se esquivavam, como pardais do cevadouro”. Fica claro em diversos momentos que ao verem que estavam se aproximando muito dos portugueses, tomavam uma atitude esquiva para delimitar e romper maiores intimidades. “E como se fazia tarde fizeram-nos logo todos tornar; e não quiseram que lá ficasse nenhum”; “Mandou o Capitão aquele degredado, Afonso Ribeiro, que se fosse outra vez com eles. E foi; e andou lá um bom pedaço, mas a tarde regressou, que o fizeram eles vir: e não o quiseram lá consentir [...]”. Eles os receberam bem, foram até certo ponto inocentes, brincaram, dançaram juntos, ajudaram a pegar lenha e encher barris de água. Em um outro momento, até levaram os degredados às suas casas, mas não permitiram que dormissem lá. Interpretamos, assim, que os índios tinham muito cuidado em preservar suas famílias, principalmente durante a noite.

O narrador pretende justificar a esquiva atribuindo à humildade, dizendo que é “gente bestial e de pouco saber, e por isso tão esquiva.” Algumas leituras tratam o termo “bestial” como pejorativo, mas segundo Castro “não deve ser tomado literalmente, porque este se insere perfeitamente no particular espírito semântico do português arcaico.” (CASTRO, 2003, p.80).

Após alguns dias, os índios já estavam de coração aberto e dispostos a confiar nos portugueses, enquanto eles estavam cheios de interesse e maldade, pois suas atitudes eram estratégicas, na intenção de amansá-los, para explorarem suas terras e consolidar a expansão mercantil.

O narrador também deixa claro que a comunicação era necessária para ensinar-lhes a educação religiosa através da catequese e assim, difundir o cristianismo. Para ele, aqueles habitantes não possuíam religião e se fazia necessário convertê-los: “Se nós entendêssemos a

sua fala e eles a nossa, seriam logo cristãos, visto que não têm nem entendem crença alguma, segundo as aparências”.

O escrivão inferioriza os nativos, considerando-os como sem cultura e sem religião, como um papel em branco que “imprimir-se-á facilmente neles qualquer cunho que lhe quiserem dar” pois “pareceu a todos que nenhuma idolatria nem adoração têm”. Ao inferioriza-los, Caminha destaca o heroísmo dos portugueses e a missão dada por Deus “(...) para aqui trazer creio que não foi sem causa”.

O que fez com que os portugueses tirassem a conclusão de que os indígenas não tinham religião era a ausência de símbolos religiosos e a forma como eles se comportaram diante da missa realizada em seu território. Os índios participaram da solenidade, imitando-os, apesar de não entenderem o ritual. Em forma de respeito, para agradecer, ou por pura curiosidade. Podemos inferir que a cultura indígena permite diversos deuses e portanto, ao entender que se tratava de um ritual, eles não viam mal cultivar aquele Deus dos homens brancos.

Apesar da simpatia aparente, em diversos momentos da Carta podemos destacar o desejo de transformar aqueles nativos em mão de obra para a exploração de riquezas das suas próprias terras. “Acarretavam dessa lenha quanta podiam, com mil boas vontades, e levavam-na aos batéis.” “E misturaram-se todos tanto conosco que uns nos ajudavam a acarretar lenha e metê-las nos batéis. E lutavam com os nossos, e tomavam com prazer.”

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A missão de Caminha era descrever para o rei “a notícia do achamento desta Vossa terra nova”, no entanto, seu texto vai além dessa formalidade. Segundo Roncari: “Na maior parte dela (da carta) perdemos de vista o rei; Caminha abandona as formas de tratamento e a referência direta a ele, e com isso parece dirigir-se a um leitor mais geral [...]” (RONCARI, 2002, p.43).

Ao contextualizar alguns dos principais trechos da Carta de Caminha, admitimos que a cultura brasileira é resultado da absorção de outras culturas sem perder a essência particular. Para Leyla Perrone-Moisés:

Esquecer nossas origens é perder nossa identidade. Manter o que resta das culturas originais e garantir os direitos das populações que as conservam é não apenas uma obrigação ética, mas também uma maneira de cuidar de uma riqueza cultural que nos pertence. Agora, querer reduzir nossa identidade ao que nos restou dos índios ou ao que nos trouxeram os africanos é

uma regressão, que pode nos levar a um racismo às avessas. (...) O que prova a força particular de uma cultura é exatamente essa capacidade de assimilar sem se perder. (PERRONE-MOISÉS, 2007, p.24).

No decorrer dessa pesquisa, conduzirei nossos olhares pelas principais produções literárias em nosso país e através de recortes como este, buscarei relacionar História, arte, temas sociais e culturais dentro da Literatura brasileira.

## REFERÊNCIAS

CASTRO, Silvio. *A carta de Pero Vaz de Caminha*. Porto Alegre: L&PM, 2003.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *As utopias medievais*. São Paulo: Brasiliense, 1992.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro*. Disponível em: <<http://cmais.com.br/aloescola/estudosbrasileiros/povobrasileiro/>>. Acesso em 22 de out de 2014.

PERRONE-MOISÉS, L. *Vira e mexe nacionalismo: paradoxos do nacionalismo literário*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2007.

RONCARI, Luiz. *Literatura Brasileira: dos primeiros cronistas aos últimos românticos*. 2.ed. São Paulo: EDUSP, 2002.

SILVA, Deonísio da. *A vida íntima das palavras*. São Paulo: Arx, 2002.

SOUZA, Nelson Mello e. *Aspectos sociais da Carta de Pero Vaz de Caminha: Sociologia do real e os conteúdos do imaginário*. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infolid=4292&sid=531>>. Acesso em 22 out 2014.